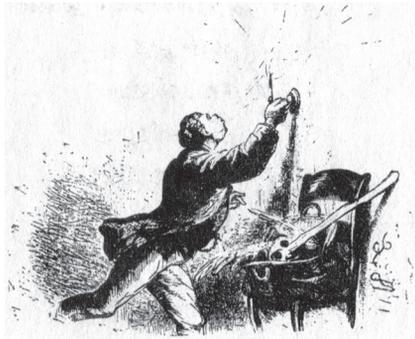


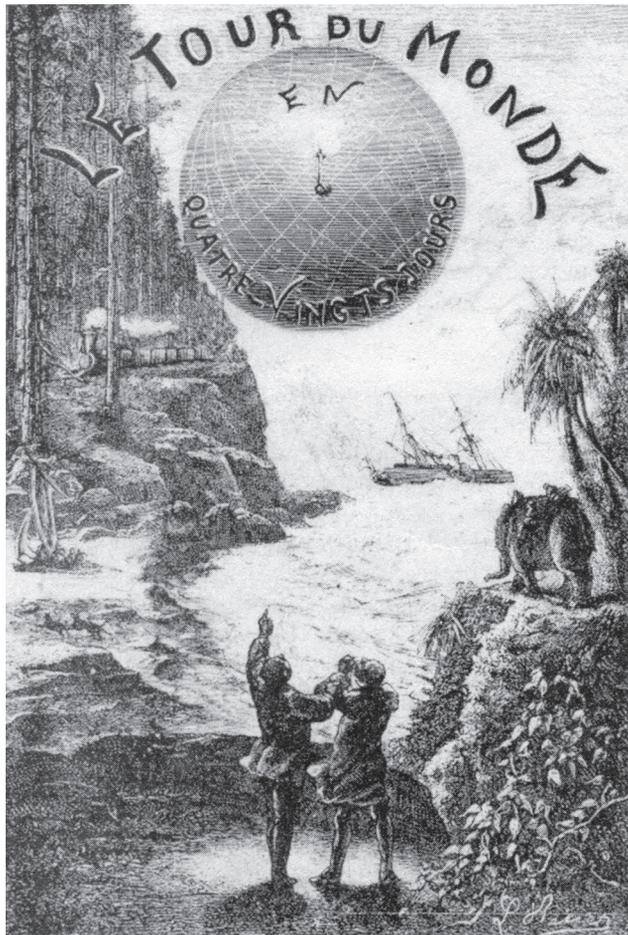
Jules Verne

A Volta ao Mundo em 80 Dias

Tradução e notas de
Pedro Ventura



Viagens

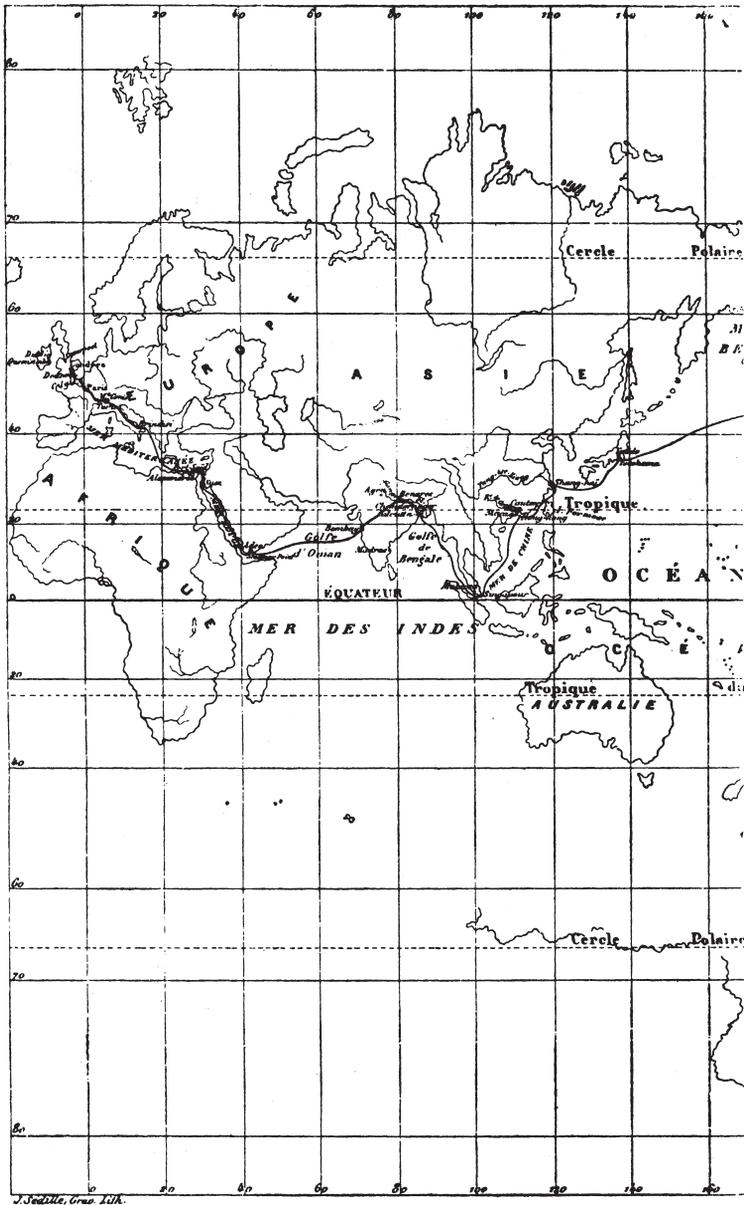


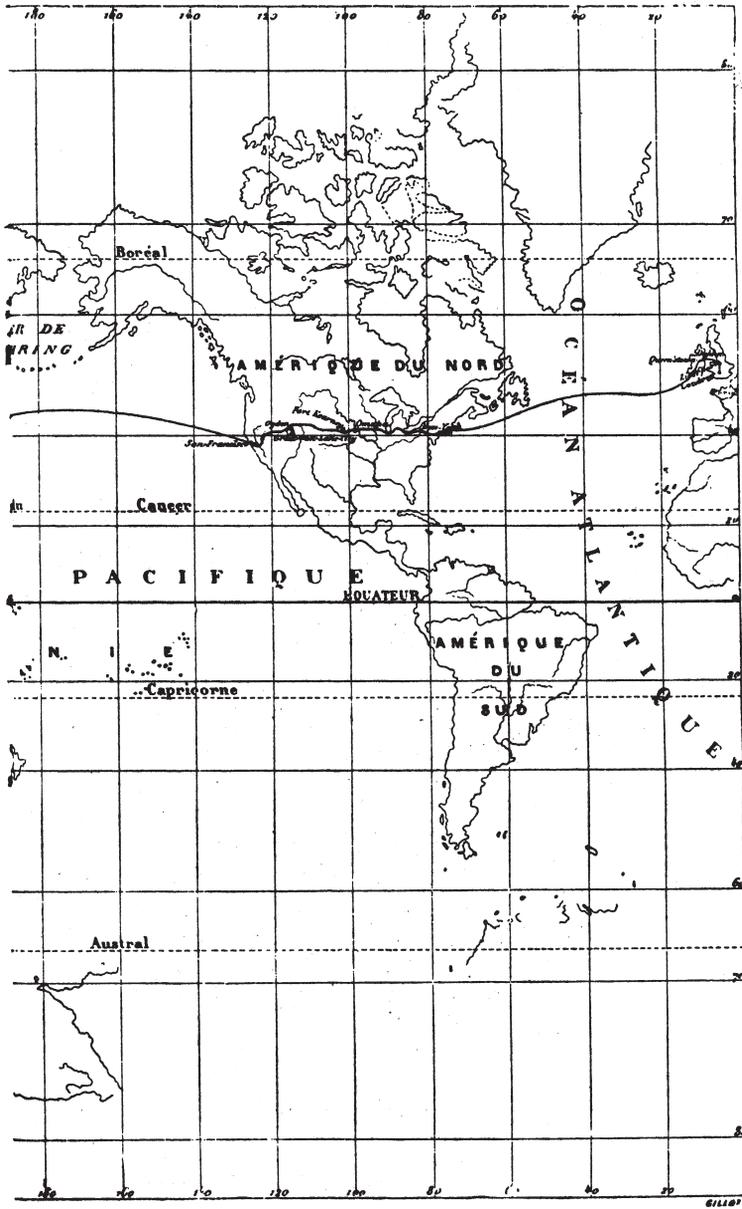
ÍNDICE

I. No qual Phileas Fogg e Passepartout se aceitam reciprocamente, um como patrão, o outro como criado	13
II. Onde Passepartout está convencido de que, finalmente, encontrou o seu ideal	20
III. Onde se estabelece uma conversa que poderá sair cara a Phileas Fogg	23
IV. No qual Phileas Fogg surpreende Passepartout, o seu criado	32
V. No qual aparece um novo título na praça de Londres	37
VI. No qual o agente Fix dá mostras de uma impaciência bastante legítima	41
VII. Que demonstra mais uma vez a inutilidade dos passaportes em matéria de policiamento	48
VIII. No qual Passepartout fala um pouco mais do que seria conveniente	51
IX. Onde o Mar Vermelho e o oceano Índico se mostram favoráveis aos projetos de Phileas Fogg	56
X. Onde Passepartout se dá por muito feliz por sair ileso, apenas perdendo os seus sapatos	64
XI. Onde Phileas Fogg compra uma montaria por um preço fabuloso	71
XII. Onde Phileas Fogg e os seus companheiros se aventuram pelas florestas da Índia, e o que se segue	82

XIII. No qual Passepartout prova mais uma vez que a sorte favorece os audazes	90
XIV. No qual Phileas Fogg desce pelo admirável vale do Ganges sem sequer o contemplar	100
XV. Onde o saco de <i>banknotes</i> fica aliviado de mais alguns milhares de libras	109
XVI. Onde Fix simula não estar a par de nada daquilo que lhe contam	116
XVII. Onde se trata de umas quantas coisas durante a travessia entre Singapura e Hong Kong	123
XVIII. No qual Phileas Fogg, Passepartout e Fix vão aos seus assuntos, cada qual para seu lado	131
XIX. Onde Passepartout se interessa vivamente pelo seu patrão, e o que se segue	137
XX. No qual Fix trata diretamente com Phileas Fogg	146
XXI. Onde o patrão do <i>Tankadère</i> se arrisca a perder um prémio de duzentas libras	155
XXII. Onde Passepartout comprova que, mesmo nos antípodas, é prudente andar com algum dinheiro no bolso	165
XXIII. No qual o nariz de Passepartout cresce desmesuradamente	173
XXIV. Durante o qual se efetua a travessia do oceano Pacífico	183
XXV. Onde vislumbram São Francisco, em dia de <i>meeting</i>	189
XXVI. No qual apanham o comboio expresso do caminho de ferro do Pacífico	197
XXVII. No qual Passepartout segue, a uma velocidade de vinte milhas por hora, um curso de história mórmon	205
XXVIII. No qual Passepartout não consegue fazer ouvir a voz da razão	213
XXIX. Onde se relatam diversos incidentes que apenas podem ocorrer nos caminhos de ferro da União	222
XXX. No qual Phileas Fogg cumpre simplesmente o seu dever	233

XXXI. No qual o inspetor Fix leva muito a sério os interesses de Phileas Fogg	244
XXXII. No qual Phileas Fogg trava uma luta direta contra a má sorte	252
XXXIII. Onde Phileas Fogg se mostra à altura das circunstâncias	256
XXXIV. Que oferece a Passepartout a oportunidade de fazer um atroz, mas talvez inédito, jogo de palavras	268
XXXV. No qual Passepartout não faz o seu padrão repetir duas vezes uma ordem que este lhe tinha dado	271
XXXVI. No qual Phileas Fogg volta a ter valor no mercado	277
XXXVII. No qual se mostra que Phileas Fogg nada ganhou por fazer essa viagem à volta do mundo, a não ser a felicidade	281
Notas	289







I

NO QUAL PHILEAS FOGG E PASSEPARTOUT SE ACEITAM RECIPROCAMENTE, UM COMO PATRÃO, O OUTRO COMO CRIADO

Em 1872, a casa com o número 7 de Savile Row, Burlington Gardens — casa na qual Sheridan faleceu em 1814 —, estava habitada por Phileas Fogg, *esq.*, um dos membros mais singulares e notáveis do Reform Club de Londres, apesar do seu aparente esforço para não atrair as atenções.

A um dos maiores oradores que honram a Inglaterra sucedia pois esse Phileas Fogg, personagem enigmática, da qual nada se sabia, senão que era homem muito cortês e um dos mais encantadores *gentlemen* da alta sociedade inglesa.

Diziam que se assemelhava a Byron — pela sua cabeça, pois tinha uns pés irrepreensíveis —, mas um Byron com bigode e suíças, um Byron impassível que houvesse vivido mil anos sem envelhecer.

Inglês, sem sombra de dúvida, Phileas Fogg não era provavelmente londrino. Nunca tinha sido visto na Bolsa, nem na banca, nem em nenhuma das agências comerciais da City. Nem as docas nem os cais de Londres haviam jamais recebido um navio cujo armador fosse Phileas Fogg. Esse cavalheiro não figurava em qualquer conselho de administração. O seu nome jamais havia soado numa associação de advogados, nem no Temple, nem no Lincoln's Inn, nem no Gray's Inn. Nunca havia litigado nem perante o Tribunal da Chancelaria, nem no Queen's Bench, nem no Exchequer,

nem em qualquer tribunal eclesiástico. Não era nem industrial, nem negociante, nem comerciante, nem agricultor. Não formava parte nem da Royal Institution¹, nem da London Institution, nem da Working Men's Association, nem da Russell Institution, nem do Western Literary and Scientific Institute, nem da Law Society, nem dessa instituição das artes e ciências reunidas² sob o patrocínio de Sua Graciosa Majestade. Enfim, não pertencia a nenhuma das numerosas sociedades que pululam na capital de Inglaterra, da Sociedade da Harmônica à Sociedade Entomológica³, fundada principalmente com o propósito de destruir os insetos nocivos.

Phileas Fogg era membro do Reform Club, e nada mais.

A quem se manifestasse surpreso por um cavalheiro tão misterioso figurar entre os membros dessa honorável associação, responder-se-ia que entrou nela por recomendação dos irmãos Baring, em cujo banco tinha um crédito aberto. Isso conferia-lhe uma certa «fachada», devida à regularidade com que os seus cheques eram pagos à vista do saldo da sua conta-corrente, invariavelmente positivo.

Phileas Fogg era rico? Indiscutivelmente. Mas como havia feito fortuna era algo a que nem os mais bem informados podiam responder e, certamente, o Sr. Fogg era a última pessoa a quem convinha dirigir-se para sabê-lo. Em todo o caso, não esbanjava em nada, embora não fosse avaro, pois a todo o requerimento de ajuda a uma causa nobre, útil ou generosa respondia com o seu contributo silencioso e inclusivamente anónimo.

Em suma, não havia ninguém menos comunicativo do que este *gentleman*. Falava o menos possível. E o seu carácter silencioso fazia-o parecer ainda mais misterioso. E, no entanto, a sua vida era transparente, mas agia sempre tão matematicamente, que a imaginação, insatisfeita, ansiava mais além.

Tinha viajado? Era provável, pois ninguém conhecia o planisfério melhor do que ele. Não havia lugar, por mais remoto que fosse, do qual não aparentasse ter um conhecimento especial. Por vezes, em poucas palavras, breves e precisas, retificava as múltiplas ver-



Phileas Fogg.